

5

O porteiro e o almirante

O Almirante Francisco Vieira Paim Pamplona, que foi Presidente da Federação Espirita Brasileira e espírita dos mais abnegados, no Rio, dirigia o "Asilo de Órfãos Anália Franco" e era ali muito procurado.

Homem de muitas atribuições, compadecia-se daqueles companheiros aos quais não podia ceder maior atenção.

Pensando sanar o problema, tomou a co-
operação de um confrade desempregado que
lhe pedira auxílio.

Até que lhe arranjasse colocação, o moço
ficaria junto à instituição, atendendo às visitas
inesperadas.

Conversaria pacientemente.

Trataria a todos com caridade.

Indicaria o horário certo em que ele pu-
desse ser encontrado, sem prejuízo do trabalho.

E ele, o Almirante, pagaria modesta re-
muneração do próprio bolso.

O amigo aceitou, contente.

No vigésimo dia de serviço, porém, Paim Pamplona teve responsabilidades mais graves e por lá ficou, até muito tarde, sem que o ho-
mem soubesse de sua presença, em sala pró-
xima.

Em certa hora, ouviu altas vozes.

Aguçou o ouvido e escutou:

O moço gritava para pobre mulher:

— Safe-se daqui! "Sua" velhaca! A se-
nhora acha que pode pedir ao Almirante uma
coisa dessas? Espiritismo não é feitiçaria. Se
a senhora voltar aqui com este assunto de ho-
mem fugido, bato a porta em sua cara! Com-
preendeu? Rua! vá para a rua! O Almirante
não esteve, não está e nem estará. Suma de
minha vista!

— Desculpe! desculpe! — rogava a pobre.
Mas o improvisado porteiro, gritava:

— Rua, antes que eu chame a polícia!
Rua, antes que eu chame a polícia!

A senhora saiu correndo.

O Almirante chegou calmo e ainda encon-
trou o moço fulo de cólera.

— Há quantos dias você está trabalhan-
do? — falou Paim Pamplona, sem alterar-se.

— Vinte dias, Almirante.

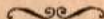
O distinto oficial da Marinha Brasileira
enfiou a mão no bolso, retirou a carteira, con-
tou a importância e estendeu as cédulas ao
moço, dizendo-lhe:

— Bem, meu filho, de hoje em diante não se considere mais a meu serviço.

— Mas, porquê? — indagou o amigo desapontado.

E o Almirante sereno:

— A cena que você acabou de representar não condiz com o programa espírita desta Casa.



6

Quinze minutos

I

Aristeu Leite era antigo lidador da Doutrina Espírita.

Assíduo cliente das sessões.

Dono de belas palestras. Edificava maravilhosamente os ouvintes.

Bom leitor.

Correspondente de instituições distintas.

Mantinha com veemência o culto do Evangelho no lar.

Extremamente caridoso. Visitava, cada fim de semana, vários núcleos beneficentes.

II

Naquela sexta-feira foi para casa, exultante.

Vivera um dia pleno de trabalho, coroado à noite pela oração ao pé dos amigos.

Entrou. Serviu-se de pequena porção de